



O IDEAL DE MASCULINIDADE CONSTRUÍDO NA LITERATURA CRISTÃ: HOMEM AO MÁXIMO – UMA ANÁLISE DE CONTEÚDO

Aleff Aleixo¹; Douglas Azevedo da Cunha; Íris Vieira de França; Viviane Alves dos Santos;

Anderson Scardua

Universidade Federal de Campina Grande, aleff_aleixo@hotmail.com

RESUMO: O tema da masculinidade como uma questão de gênero vem cada vez mais sendo abordado no Brasil. A construção da masculinidade se dá através de discursos de instituições, sejam elas familiares, educacionais e, principalmente, instituições religiosas. Com base nessa constatação, o presente trabalho tem por objetivo analisar o ideal de masculinidade construído na literatura cristã através da análise do livro *Homem ao Máximo: Um guia para o êxito familiar*. Também pretende-se refletir sobre os possíveis impactos dos discursos hegemônicos sobre a masculinidade, nas produções de subjetividade dos sujeitos. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, onde o livro foi analisado e submetido ao método da análise de conteúdo de Bardin. O conteúdo coletado foi organizado em 3 categorias: As funções de um “homem de verdade”, O fracasso da liderança feminina e Masculinidades: a escolha entre ser homem de verdade ou ser apenas do sexo masculino. Constatamos no livro a indicação de atitudes e funções próprias do masculino, como a liderança, que quando desempenhada pelas mulheres estaria fadada ao fracasso. O autor do livro também diferencia duas masculinidades: o “homem de verdade” e o “indivíduo do sexo masculino” se colocando dentro do primeiro grupo. Por fim, problematizamos o fato desse livro e desses discursos serem produtores de subjetividades e o papel do psicólogo diante disso.

Palavras-chave: masculinidade, gênero, religião, psicologia social.

INTRODUÇÃO:

O termo gênero pode ser compreendido como um construto analítico, que se opõe ao determinismo biológico, utilizado para explicar as relações sociais entre pessoas de diferentes sexos e orientações sexuais. Operando no sentido de desnaturalizar a sexualidade e as diferenças construídas ao redor da mesma, esse termo reflete ainda diferentes abordagens teóricas e políticas daqueles que o utilizam, começando a ser usado na substituição do termo “sexo social” na segunda metade do séc. XX no contexto

das discussões e construções teóricas feministas (GALINKIN; ISMAEL, 2011).

Bento (2006, *apud* GALINKIN; ISMAEL, 2011), pontua três recortes epistemológicos nos estudos de gênero, a saber: o universal, o relacional e o plural, dentre os quais os dois últimos se mostram de grande importância para o desenvolvimento desse trabalho visto que é apoiado em suas concepções que as discussões sobre gênero saem do âmbito apenas dos debates sobre mulheres e direitos femininos e incorporam problematizações sobre o papel social do



homem e do masculino, como também de outros atores sociais que reivindicam identidades sexuais e de gênero fora dos modelos tradicionais (GALINKIN; ISMAEL, 2011).

Segundo Oliveira (2015), não é recente a abordagem sobre homens e masculinidades nas Ciências Sociais, mas é recente a investigação dos homens e da masculinidade como objeto específico no campo dos estudos de gênero. Em nível de Brasil, é apenas na década de 90 que se irá tratar as masculinidades (no plural) como uma questão de pesquisa:

No mundo contemporâneo, diversos “tipos masculinos” podem ser significados como formas de masculinidade. No Brasil, isso foi possível desde a década de 1990, depois do surgimento dos chamados “estudos das masculinidades”, que criaram, utilizaram e divulgaram a etiqueta masculinidades. De um modo geral, esses estudos costumam investigar, de um lado, aspectos considerados problemáticos de construções masculinas e, de outro lado, possibilidades de construções masculinas marginalizadas ou significadas negativamente na sociedade (OLIVEIRA, 2015, p. 15).

Medrado e Lyra (2008, p. 810) concluem que o campo de estudos das masculinidades apresentam produções que possuem objetos distintos, dentre os quais: “1) o sistema sexo/gênero; 2) a dimensão relacional; 3) as marcações de poder; e 4) a

tradução do modelo binário de gênero nas esferas da política, das instituições e das organizações sociais”

Com relação ao sistema sexo/gênero, Medrado e Lyra (2008, p. 812) apontam que os estudos sobre gênero na área da saúde voltam-se prioritariamente à saúde das mulheres, ressaltando que “parecem ainda se orientar pelo modelo binário masculino-feminino e adotam a substituição de gênero por sexo, privilegiando, muitas vezes de modo exclusivo, as experiências das mulheres”. Postulam ainda “a necessidade da sistematização desse debate, especialmente no que se refere ao trabalho voltado aos homens e masculinidades no campo dos direitos reprodutivos, particularmente no contexto das políticas públicas”.

Na dimensão relacional dos estudos de gênero, de acordo com Medrado e Lyra (2008) se faz necessário não só estudos sobre o feminino, mas ainda estudos que levem em consideração a relação homem-mulher em determinados contextos. Essa dimensão não implica em uma complementariedade, mas em uma assimetria de poder, conforme essa concepção, os autores apontam que “é preciso a adoção de uma perspectiva que rompa com a visão feminista dicotômica que adota a noção de dominação, desconsiderando o jogo relacional de poder entre o eu e o outro” (MEDRADO; LYRA, 2008, p. 819).



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

O terceiro componente dos estudos sobre gênero são as marcações de poder, no qual é levado em consideração o poder problematizado por Foucault (1982, 1990, 1996 *apud* MEDRADO; LYRA, 2008) como micropoderes que estariam presentes em todas as esferas da sociedade e regulariam corpos, discursos, atitudes.

O último componente dos estudos sobre gênero apontado por Medrado e Lyra (2008) é a tradução do modelo binário de gênero nas esferas da política, das instituições e das organizações sociais, nessa concepção o gênero é tido como fixo, construído “não de forma binária, mas na multiplicidade de instituições, que envolve não apenas a família ou as relações de parentesco” (MEDRADO; LYRA, 2008, p. 819), ele é construído e difundido também pelas instituições religiosas.

O último ponto trazido pelos autores, assim como a já citada dimensão relacional, se mostram importantes para este trabalho na medida em que, como aponta Lemos (2008), a religião possui o papel fundamental de manter a “masculinidade ideal” como categoria universal sacralizada, e mesmo parecendo confortável a posição de poder e de destaque que era e é conferida aos homens, não se pode falar de ausência de tensões subjetivas decorrentes desse lugar, que, certamente, não reflete o contorno da masculinidade própria

de cada sujeito, atravessado por exigências sociais, exigências dos pares, e por seus próprios desejos (GAMA; LYRA; PIMENTEL, 2014).

Dito isto, este trabalho teve por objetivo analisar o ideal de masculinidade construído na literatura cristã através da análise do livro *Homem ao Máximo: Um guia para o êxito familiar*. Como também refletir sobre os possíveis impactos dos discursos hegemônicos sobre a masculinidade, nas produções de subjetividade dos sujeitos. A escolha do material em questão se justifica pelo seu amplo alcance em todo o mundo, tendo sido traduzido em mais de quarenta línguas, e o número de exemplares impressos sendo de aproximadamente dois milhões (COLE, 2006, p. 186). Não se trata apenas de um livro cristão que versa sobre a masculinidade, mas é uma das obras principais do chamado “currículo específico para homens” (COLE, 2006, p. 186), onde eles “aprendem” a ser “homens de verdade”. Ressalta-se ainda, que o livro, no Brasil, é distribuído pela Universidade da Família às instituições cristãs, com a finalidade de realização de um curso para homens, o qual podem ter contato com os preceitos do que é ser um “homem de verdade”. Como propõe Lemos (2008, p. 4) “os discursos e práticas religiosas têm a função de estruturar a masculinidade, dando ao homem a



semelhança eterna com a divindade, desde que se exerça a masculinidade imposta pela religião”; dessa forma mostra-se importante pensar sobre os modelos (ou o modelo) de masculinidade que são impostos por esses discursos, como também refletir sobre as práticas excludentes que eles podem provocar.

METODOLOGIA:

Trata-se de uma pesquisa com abordagem qualitativa, de caráter descritivo, na qual, para análise da obra escolhida para o referido trabalho utilizou-se a técnica da Análise de Conteúdo (AC) de Bardin (1977), onde seguiram-se as três etapas básicas de tratamento dos dados, preconizadas pela mesma, a saber: (1) a pré-análise, onde foi delimitado o corpus que se pretendia analisar e foi realizada a leitura flutuante do texto; (2) a exploração do material, onde foram verificadas a repetição de conceitos e palavras e formadas as categorias temáticas com base nas ideias que emergiam do texto; e (3) o tratamento e interpretação dos resultados, que por se tratar de uma pesquisa de caráter qualitativo foi realizada à luz do referencial teórico de autores que problematizam as questões de gênero, mais especificamente que versam sobre as masculinidades, como também de conceitos oriundos da Psicologia Social.

A Análise de Conteúdo (AC) de Bardin (1977) é caracterizada como sendo uma técnica de pesquisa que trabalha com a palavra, permitindo produzir inferências sobre o conteúdo da comunicação de um texto articuladas ao seu contexto social. Na AC o texto é um meio de expressão do sujeito, onde o analista busca categorizar as unidades de texto (palavras ou frases) que se repetem, inferindo uma expressão que as representem (CAREGNATO; MUTTI, 2006).

RESULTADOS E DISCUSSÃO:

Após a realização da análise do material utilizado foram encontradas três categorias temáticas predominantes, as quais foram intituladas: As funções de um “homem de verdade”, O fracasso da liderança feminina e Masculinidades: a escolha entre ser homem de verdade ou ser apenas do sexo masculino.

1. As funções de um “homem de verdade”

Não é novidade que em nossa cultura os discursos religiosos possuem grande peso na manutenção de certas ideias hegemônicas nas questões de gênero/sexo, como também o fato de que em todas as expressões religiosas oriundas da tradição cristã há muita ênfase na manutenção da supremacia masculina (ECCO, 2008). Isso se deve em grande parte ao ideal mantido e propagado, de que o homem é a imagem de Deus e, desta forma,



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

segundo Souza (2010) cria-se e sacraliza-se uma hierarquia formada por: Deus → homem → mulher.

Sobre os papéis que são devidos ao homem e a mulher, o autor do livro enfatiza em diversos momentos que o homem deve viver a serviço de sua esposa, sempre buscando satisfazê-la e dando primazia ao seu bem estar, pois essas atitudes fariam parte de uma série de características próprias daqueles que seriam pertencentes ao grupo que ele denominou “homens de verdade”. Reconhece ainda que grande parte dos papéis que são fundamentais na vida de uma criança são exercidas por mulheres, e que esta é a principal figura de autoridade que elas conhecem até quase os vinte anos. Ainda assim, concordando com os ideais predominantes, o autor acredita que existem algumas funções que apenas os homens podem desempenhar com maestria (como a de líder e provedor), visto que para isso foram designados por Deus desde a criação do mundo. Isto só é possível, diz o autor, diante do fato que o “verdadeiro homem” possui semelhança com Cristo, e este por sua vez, possuía um caráter eminentemente masculino; segundo ele: “alguns quadros que tentam retratar Jesus estampam uma fisionomia afeminada, uma imagem errônea do verdadeiro caráter daquele que era ao mesmo tempo Filho do homem e Filho de Deus” (p.

60). Segundo ele, semelhança a Cristo é sinônimo de Hombridade.

Mesmo enfatizando que a “tomada de rédeas” – a liderança masculina – não é feita de forma ditatorial (p. 66), discursos como os do autor acabam contribuindo para a desvalorização das mulheres, o que justifica inclusive a desvalorização do próprio ministério feminino nas igrejas: “as mulheres podem ser espirituais; mas a força sempre vem do homem. A força de uma igreja, de uma família, de uma nação vai depender da força de seus homens” (p. 68). A ênfase excessiva na semelhança entre Jesus e os homens (pelo sexo biológico) constitui um dispositivo ideológico que sustenta as pretensões de acesso exclusivo ao poder religioso e social por parte dos homens (SOUZA, 2010).

A posição da mulher defendida pelo autor está sempre subordinada a uma posição masculina. Contraditório, pois Cole (2006) ora diz que mulher e homem estão em pé de igualdade, ora usa o argumento de que por sua condição de “líder natural” existem tarefas que só podem ser realizadas por ele. Para o autor, o homem de verdade se caracteriza por exercer uma liderança dentro da família e dos grupos sociais que faz parte, sua vida se baseia em administrar os recursos que recebe administrar seus relacionamentos, em suma, em sua liderança.



Quando se constrói, através de práticas discursivas, que existem características que apenas os homens são possuidores, e por isso, papéis que apenas eles são capazes de exercer, a diferença entre homens e mulheres deixa de ser uma questão para se tornar um “problema”, visto que é “sobre o eixo de percepção, construção, descrição e hierarquização das diferenças que se estabelecem lógicas e práticas sociais e cognitivas de inclusão ou exclusão do outro” (LIMA, 2001, p. 218).

2. O fracasso da liderança feminina

Esta categoria se propõe a analisar as consequências que, segundo o autor, ocorrem quando o homem não assume a posição para a qual foi designado, ou seja, de líder, e na sua ausência a mulher cumpre esses papéis, que para ele, não lhe seriam próprios. Quando abordadas, tais situações servem para exemplificar que quando as mulheres assumem funções “masculinas”, a situação está fadada ao fracasso. O autor não leva em conta fatores socioeconômicos na sua argumentação, atribui o insucesso da liderança feminina apenas à ausência de um homem no lar, chegando até a apresentar dados estatísticos que reforçam a suposta veracidade dos seus argumentos. Os dados estatísticos apresentados diziam respeito à inexistência de pais (homens) na

vida de crianças que apresentavam dificuldades na escola, no estado da Califórnia, EUA. Mesmo levando em conta a possibilidade de os dados apresentados por Cole (2006) serem verdadeiros, notamos que a análise do autor se deteve apenas a atribuir seus efeitos à ausência de um homem, deixando de lado os processos que levam à sua ausência total ou parcial no lar, os dilemas que uma mulher enfrenta quando assume tal liderança, além das dificuldades econômicas geradas pela ausência de um dos mantenedores da casa. Argumenta: “a sociedade está sofrendo devido à ausência de um pai no lar” (p. 124).

Tendo em vista que o livro é de um autor estadunidense, mas que também foi publicado no Brasil, trazemos a situação para dentro das nossas fronteiras: classe social, etnia e sexo são exemplos de fatores que podem determinar o destino de um indivíduo e de uma família. A própria ausência de um ser do sexo masculino no lar pode se dever a tais fatores. O “fracasso” de um filho de uma família, seja ela monoparental ou não, depende de circunstâncias que propiciam “barreiras” e exclusão. Quando se trata de uma família chefiada por uma mulher, podemos também considerar a existência de uma dificuldade a mais, apontada por Costa e Marra (2013, p. 147):



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Essas mulheres têm de se adaptar e remediar essas questões, uma vez que além de se responsabilizarem por toda a situação domiciliar, doméstica e de desenvolvimento dos filhos, elas ainda têm de se adaptar às normas tradicionais de códigos morais perversos, que delegam aos homens essa capacidade e a atitude considerada "chefe de família".

Além de representarem uma fuga da norma e enfrentarem dificuldades socioeconômicas, também podemos identificar a presença do primeiro elemento da desqualificação social apontada por Serge Paugam (1991, *apud* WANDERLEY, 1999): a estigmatização dos assistidos. Em 2013, 93% dos beneficiários do bolsa família eram mulheres, e destas uma parte considerável era de mulheres que chefiavam o lar (BLOG DO PLANALTO, 2013). A estigmatização dos assistidos acontece na tomada das camadas mais pobres, que precisam de uma maior assistência do Estado, como seres desvalorizados pelo conjunto da sociedade. Um exemplo que pode ilustrar esta situação foi a insatisfação gerada pela possibilidade de uma "bolsa mãe solteira" ser criada em 2014, que poderia abranger mulheres que têm filhos e estão em situação de hipossuficiência, gerando comentários negativos pela internet.

O fato do homem não estar assumindo posições de liderança no lar seria, para o autor, o motivo pelo qual a nossa sociedade estaria em decadência. Ou seja, para ele, as

mulheres não querem liderar, só assumiram essa posição pela falta de homens para fazê-lo.

3. Masculinidades: a escolha entre ser homem de verdade ou ser apenas do sexo masculino

É notável como existe, na atualidade, uma crise do modelo hegemônico de masculinidade, modelo esse que é baseado majoritariamente nos fundamentos das instituições religiosas. Como aponta Silva (2011, p. 666):

O discurso das igrejas católica e evangélica fala-nos de um lugar da tradição, em que o modelo familiar defendido é o nuclear, burguês e patriarcal. A contemporaneidade, com novos arranjos familiares põe em xeque este modelo tradicional e, como diz Ceccarelli (2006), obrigam-nos a rever os papéis de gênero e, conseqüentemente, a ordem simbólica. Romper com algo historicamente acostumado como natural implica em perda da referência, ou mais precisamente, pode-se constituir numa "crise identitária".

Podemos perceber que o modelo estabelecido por essas instituições, como também pela família e pelo Estado está fragmentando-se, e grande parte disso dá-se em virtude de movimentos sociais, como o movimento LGBT e o feminismo (OLIVEIRA, 2015), que nos fazem refletir sobre as questões de gênero, incluindo o papel designado ao homem na sociedade, possibilitando assim a



quebra do modelo de masculinidade hegemônica, masculinidade esta que toma o homem como líder, como provedor, imagem e semelhança de Deus.

Logo, na contemporaneidade não se fala em “masculinidade”, mas sim, “masculinidades” (no plural), conforme Promundo (2009, *apud* GAMA; LYRA; PIMENTEL):

Existem diferentes masculinidades que se vinculam a diferentes formas de ser homem, e que constituem ao mesmo tempo uma experiência subjetiva e uma experiência social e culturalmente construída. Esta pluralidade não se refere somente a possíveis diferenças individuais, mas particularmente a diferentes categorias de masculinidade.

A partir das problematizações expostas, podemos perceber que o livro *Homem ao Máximo* diferencia duas masculinidades: a primeira, defendida pelo autor, que caracteriza quem a possui como “homem de verdade”, e outra que segundo ele não segue os preceitos do que é ser homem. O homem nessa masculinidade seria apenas um indivíduo do sexo masculino, não possuindo as características de um verdadeiro homem para o autor.

O autor traz algumas características do “homem de verdade”, a saber: “sinceridade, fé, humildade, verdade, coragem, amor e graça” (p. 145), e durante todo o livro ele discorre sobre a verdadeira

hombridade, enfatizando essas características. Acrescenta ainda que um “homem de verdade” precisa provar que o é de fato através de suas atitudes, o que coaduna com a concepção de Rosistolato (2009, p. 21) na qual “a masculinidade é construída por meio de um processo de contestação e afirmação constantes”.

Cole (2006) também nos apresenta outra masculinidade, na qual o indivíduo não assumiria seu papel de homem, não exercendo satisfatoriamente a liderança do lar. Tal diferenciação fica evidente em um trecho do livro: “ser do sexo masculino é questão de nascimento, mas ser homem é questão de decisão” (p. 12), ou seja, um indivíduo do sexo masculino só se torna um homem a partir de suas decisões e de sua liderança, tomando para si a responsabilidade sobre seus atos e até sobre atos de outras pessoas, se isso não ocorre o indivíduo não é um “homem de verdade”.

Se por um lado Cole (2006) rompe com alguns padrões hegemônicos que colocam o homem em um lugar onde precisa comprovar sua virilidade através do desempenho quase obrigatório de um papel ativo, devendo estar sempre disponível e disposto a exercer o lugar de “macho” (GAMA; PIMENTEL; LYRA, 2009), enfatizando que os “homens de verdade”, devem possuir características como o amor e



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

a sinceridade, que são consideradas fraquezas, por outro, os que não se encaixam nas características elencadas por ele não seriam nem ao menos considerados “homens”. Cole (2006) se coloca no grupo dos homens de verdade em contraposição ao grupo dos indivíduos do sexo masculino. Nesse caso, partindo das reflexões de Jodelet (1999), percebemos a presença do processo de categorização social a partir da atribuição de características diferenciadoras de um grupo para outro, processo esse que segundo Jodelet (1999) coloca as pessoas em uma categoria dada, atribuindo também características a alguém que implica tanto em estereótipos quanto em exclusão, nesse caso, daqueles que não exercem o seu papel de “homem de verdade”. A diferenciação entre o que é ser “um homem de verdade” e o que não é, não é em vão, pois é a partir do estabelecimento de características que não dizem respeito a um “homem de verdade” que este poderia se definir. Como pontua Joffe (2003, p. 318) “o ‘outro’ é necessário ao Eu. Ao definir o que é um ‘comportamento antinatural’, os membros de um grupo também estabelecem as denotações do que é natural”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É importante deixar claro que o livro traz importantes ensinamentos para a vida cotidiana: alerta para a importância da

proximidade dos pais com os filhos, assim como do casal; em certa medida contribui para a extinção de determinados tipos de violência contra a mulher (visto que abomina a violência física e psicológica), como a culpabilização. Trocando em miúdos: possui ensinamentos caros à vida conjugal, cotidiana e familiar.

O livro é apresentado como um guia para o êxito familiar, um manual de maximização da masculinidade. Nele são apresentados técnicas e modos de agir/pensar que levariam o homem àquela masculinidade tão almejada. O que nos leva a refletir: e se, mesmo após a leitura, um homem fracassar em exercer tudo o que lhe é atribuído pelo autor – que não cessa em dizer quais são e por quem são esperados seus “sucessos” (Família, Deus, o bem estar coletivo) e quais são os papéis que ele deve incorporar – o que acontecerá? Como dito anteriormente mesmo que a masculinidade proposta pelo autor destoe em alguns aspectos da masculinidade hegemônica secular, a desigualdade nas relações entre homens e mulheres se mantém e a cobrança sobre um padrão masculino ideal é praticamente a mesma: é uma masculinidade que deve ser colocada em questão, reforçada diariamente e, ao mesmo tempo, inatingível (ROSISTOLATO, 2009).

Este último fato revela a importância de se refletir sobre a influência dos discursos



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

hegemônicos (neste caso especificamente, o discurso religioso) que marcaram e seguem marcando, a ideia de “masculinidade ideal”, e os processos de subjetivação derivados desta. Como aponta Rey (2005, p. 205) “a subjetividade individual se produz em espaços sociais constituídos historicamente”, ou seja, o livro *Homem ao Máximo*, que é fundamentado em pressupostos bíblicos, contribui para a formação da subjetividade masculina, em contrapartida, esta reforça o processo de subjetividade social, nesse caso entendida como masculinidade cristã. Essas influências geram impasses ao processo identificatório e tornam possível a conformação de características, comportamentos e papéis que não necessariamente condizem com aquilo que os sujeitos almejam para si, como apontado por Gama, Lyra e Pimentel (2009), mesmo a masculinidade estando numa posição privilegiada, não se pode falar de ausência de tensões subjetivas decorrentes desse lugar, que, certamente, não reflete o contorno da masculinidade própria de cada sujeito, atravessado por exigências sociais, exigências dos pares, e por seus próprios desejos.

É aqui onde a psicologia encontra seu lugar: como lidar com homens em situações de sofrimento psíquico gerado pela pressão que as instituições colocam sobre eles? Cabe à psicologia identificar e reparar tais

situações, e contribuir minimamente para que esses discursos não sejam disseminados, e tornar claro que não há uma maneira “engessada” de ser homem, de ser mulher, de ser.

Por fim, cabe ressaltar que, como traz Lemos (2008), compreender a construção e a manutenção social dos ideais hegemônicos de masculinidade não exime os homens da responsabilidade das consequências trazidas pela “dominação masculina” às mulheres nas relações de gênero, mas pode apontar-nos caminhos para desarticular o modelo hegemônico de ser “homem macho, sim senhor!”.

REFERÊNCIAS:

BLOG DO PLANALTO. Maioria dos beneficiários do Bolsa Família é composta por mulheres e negros, afirma Tereza Campello. 19 set. 2013. Disponível em: <http://blog.planalto.gov.br/maioria-dos-beneficiarios-do-bolsa-familia-e-composta-por-mulheres-e-negros-afirma-tereza-campello/> Acesso em: 04 de maio de 2016.

CAREGNATO, R. C. A.; MUTTI, R. Pesquisa qualitativa: análise de discurso versus análise de conteúdo. **Texto Contexto Enferm.** Florianópolis, p. 679-684. Out. 2006.



COLE, E. L. **Homem ao máximo: um guia para o êxito familiar.** Belo Horizonte: Betânia, 2006.

ECCO, C. A função da religião na construção social da masculinidade. **Revista da Abordagem Gestáltica** – XIV(1): 93-97, jan-jun, 2008.

GAMA, J.; LYRA, J. PIMENTEL, A. P. Os modos de subjetivação masculinos no mundo contemporâneo. In.: 18º REDOR, Recife, nov. 2014. p. 2830 – 2845.

GALINKIN, A. L.; ISMAEL, E. Gênero. In: CAMINO, L.; TORRES, A. R. R.; LIMA, M. E. O. PEREIRA, M. E. (Orgs.). **Psicologia social: temas e teorias.** Brasília: Technopolitik, 2011, p. 503-557.

JODELET, D. Os processos psicossociais da exclusão. In: SAWAIA, B. (Org.). **As artimanhas da exclusão.** Petrópolis: Editora Vozes, 1999. P. 53 – 66.

JOFFE, H. “Eu não”, “o meu grupo não”: representações sociais transculturais da aids. In: GUARESHI, P. A.; JOVCHELOVITCH, S. (Orgs.). **Textos em representações sociais.** Petrópolis: Editora Vozes, 2003. (p.297-322).

LEMONS, F. A representação social da masculinidade na religiosidade contemporânea. **Diversidade religiosa**, v.1, n.1, 2011.

Lima, M. E. O. **Da diferença a indiferença: Racismo contra índios, negros e ciganos no Brasil.** TECHIO, E. M.; LIMA, M. E. O. (Orgs.), **Cultura e produção das diferenças: estereótipos e preconceito no Brasil, Espanha e Portugal.** Brasília: Technopolitik, 2011. (p. 217- 243).

MEDRADO, B.; LYRA, J. Por uma matriz feminista de gênero para os estudos sobre homens e masculinidades. **Revista estudos feministas**, v. 16, p. 809-840, 2008.

OLIVEIRA, F. A. **Historicização e institucionalização das masculinidades no Brasil.** 2015. 246f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas. Campinas 2015.

REY, F. L. G. **Sujeito e subjetividade: uma aproximação histórico-cultural.** São Paulo: Thomson, 2005. Tradução de: Raquel Souza Lobo Guzzo.

ROSISTOLATO, R. P. R. Gênero e cotidiano escolar: dilemas e perspectivas da intervenção escolar na socialização afetivo-sexual dos adolescentes. **Estudos Feministas**, Florianópolis, p. 11-30, Janeiro – Abril 2009.

SILVA, J. M. A crise do masculino. **Polêmica revista eletrônica**, v. 10, n. 4, p. 665 – 672, out./nov. 2015.



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

SOUZA, E. Masculinidades e religião: um olhar teológico. **Fazendo Gênero** 9 Diásporas, Diversidades, Deslocamentos 23 a 26 de agosto de 2010.

WANDERLEY, M. B. Refletindo sobre a noção de exclusão. In: SAWAIA, B. (Org.). **As artimanhas da exclusão**. Petrópolis: Editora Vozes, 1999. P. 16 – 2.

